

O PAPEL DE LESBOS NA ESTRATÉGIA MILITAR DE ALEXANDRE, O GRANDE

José Roberto de Paiva Gomes

(NEA/UERJ)

A Grécia perde a guerra do V a. C. Entretanto um novo conflito político acontece resultado da subordinação em relação as realezas macedônicas que comandam a Liga de Corinto.

Lesbos e Quios, a partir de 333 a . C. tiveram vários momentos de sublevação para se desligar da Liga de Corinto, situação muito parecida com aquela que acontecerá em 428 a . C., narrado por Tucídides no Livro III da Guerra do Peloponeso. Lesbos foi reintegrada a Liga de Corinto e Alexandre ordenará que cada localidade reconquistada tivesse uma guarnição militar comandada pelos *hetairoi* (companheiros do rei). Em relação a Mitilene, dois *hetairoi* ficaram responsáveis pela guarnição militar (Laomedon) e outro pela administração do espaço urbano (Eurysilaus³⁴). Um esquema de dominação muito semelhante ao que fora imposto em Atenas: guarnição militar nos portos comandada por Eubolos e outra no espaço urbano administrada por Demetrius de Faleros.

³⁴ Supomos que estes acordos com os habitantes da Ásia Menor fazem parte das relações de solidariedade e reciprocidade fixadas pelo domínio aristocrático, cuja herança advém do grupo de Safo e Alceu. Esse inconstância do poder ora aristocrático outrora favorável a democracia até 343 a. C. Um dos últimos grupos aristocráticos a ter exercido o poder foi composto pelos três irmãos, Apollodorus, Hermon e Heraeus. Ambos exilados por Filipe da Macedônia quando este se tornou *hegemon* a Liga de Corinto. Filipe colocou dois *hetairoi* como administradores da ilha, Agonippus e Eurysilaus. Nesta época, em Eressos, foram erguidos altares em homenagem a Zeus Phillipios, provavelmente a mando dos dois generais.

As ilhas do norte do Egeu, apesar de exercerem a forma de política aristocrática³⁵ eram consideradas tiranias para os atenienses pelo fato das decisões políticas estarem situadas sob a vontade e caprichos do tirano/despotes.

Nos questionamos, qual será a participação da ilha de Lesbos na conjuntura da Liga de Corinto sob o domínio de Alexandre?

Temos por hipótese que a resistência da aristocracia frente os ideais da democracia ocorreu devido ao fato dessa forma política colocar em risco o seu lugar de poder estabelecido por intermédio do prestígio social alcançado com as relações de solidariedade e reciprocidade com as comunidades da Ásia Menor. A identidade da elite da ilha de Lesbos está ligada ao comércio marítimo de vinho no mar Egeu.

A atividade ligada ao comércio de vinho tornará Lesbos um ponto estratégico, mesmo após a conquista de Alexandre, como fornecedora de bebida e alimento para o exército. Seguindo os dados arqueológicos estudados por Labarre³⁶ em um trabalho sobre a ocupação da ilha de Lesbos. O autor considera que a localidade era um destacado importador de grão, mas um produtor e exportador de azeite e de vinho até os tempos da dominação dos romanos.

³⁵ Alexandre sobe usar a Liga de Corinto consolidada nos tempos de Filipe. Em 333 a. C depois da Guerra contra Mnenon, comandante greco-persa, pela posse da Ásia Menor, as ilhas do Egeu se tornaram novamente aliadas de Alexandre. A administração da Liga de Corinto, nos tempos de Felipe a administração das ilhas do Mar Egeu era desigual porque o império a realeza macedônica não dependia da existência das aristocracias. Nos tempos de Alexandre e da conquista da Ásia Menor essa situação parece se inverter, para exercer o comando absoluto da região e deter o avanço persa, era preciso combater o domínio das oligarquias que se aliavam constantemente ao reino Persa que colocava o continente grego em perigo. De acordo com o historiador Bosworth (2000, 192-3) em Eressos, por exemplo, foi encontrado um dôssie no qual se diz que a tirania da *pólis* foi exilada em 343 a. C. O constante retorno aristocrático ao poder pode indicar que os governos macedônicos, tal e qual o imperialismo ateniense de 428 a. C., não era muito aceito por uma parte da aristocracia de Lesbos.

³⁶ GUY LABARRE. *Les cités de Lesbos aux époques hellénistique et impériale*. Coleção de l'Institut d'Archéologie et d'Histoire de l'Antiquité, Université Lumière Lyon 2, Vol. 1. Limonest: Bocard, 1996.

Essa rotatividade do poder que caracteriza Lesbos como uma sociedade que vive em constantes momentos de crise social que pode ser percebida desde a revolta dos metilenos de 431 a. C. quando Lesbos foi subjugada pela Liga de Atenas até o domínio de Alexandre. Essa crise pode ser enquadrada como a luta social pelo entre dois grupos distintos, a saber: os aristocratas e os pró-democratas, que através do embate político se revejavam no jogo político mantendo: a autonomia sócio-econômica de Lesbos.

Os gregos da Ásia Menor, desde o período arcaico, demonstraram ser *filolídios*, principalmente o grupo aristocrático, do círculo de Lesbos sob a liderança de Safo e Alceu. A aristocracia de Metilene desenvolveu um modo de vida particular, denominado de *habrosyne*³⁷. Safo ao formular o grupo de jovens, a hetaireía, em Metilene, tinham as jovens da Lídia participando das atividades rituais que incluía desde jovens locais a jovens provindas de outras áreas do Mar Egeu. O convívio entre gregos e lídios se amplia para além do convívio feminino, se estendendo também ao conhecimento e ao debate das questões políticas. Como exemplo, deste convívio indicamos também Alceu, contemporâneo de Safo, que foi reintroduzido a sociedade de Lesbos, após um longo exílio, com a ajuda dos lídios (Alc. fr. 69V³⁸).

³⁷ *Habrosyne* representa um estilo 'de vida' requintado ou luxuoso, mais especificamente, é um estilo de vida aristocrático, abraçado por um grupo para os distinguir outro. No caso de Lesbos, o grupo dos *kálos kagathós* se distinguindo do *Tirannoi*. Um estilo que se definiu pelo contato entre gregos e lídios (cf. Santo Mazzarino e a Mario Lombardo). Um culto de valorização de um estilo que, ao invés da riqueza, os distinguisse dos demais grupos sociais emergentes, como a basiléia. Como a adoção de roupas, sandálias, ornamentos em ouro, enfeites de cabelo, tipo de penteados, determinados tipos de arranjos florais, instrumentos musicais e o vinho, todos eles cercados da sensualidade, conforme descrevem Safo, Semonides e Anacreonte. Para Leslie Kurke (1992, 99), o uso do termo *habrós*, não é específico do feminino, mas é politicamente programado quando endossa o caminho particular que o grupo de Safo irá privilegiar dentro do estilo luxuoso da aristocracia, que valoriza quem desfruta de tempo livre para o amor e a elaboração das composições amorosas. Como salienta o fragmento 58.25 LP ao dizer: "*I love habrosunè*". (KURKE, Leslie. "The politics of abrosunh in Archaic Greece". In: **Classical Antiquity**, v. 11, nº 01, April, 1992).

³⁸ Voight, E. M. **Sappho et Alcaeus**. Fragmenta. Amsterdam, 1971.

Partindo desse princípio, temos por suposição que parte dos aristocratas de Lesbos não era contrário a forma política dos 'persas', mas sim alguns governantes locais³⁹. A hostilidade também pode ser confirmada através das atitudes de Pítaco, tirano de Mitilene, que rejeitava as ofertas de presentes feitas por Crésus, rei dos lídios, em troca de acordos políticos.

Definimos esse tipo de interação como uma relação de amizade (*phília*) e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de relações de reciprocidade, ou seja, *xénia* entre gregos e outros povos da Ásia Menor. Um conjunto de relações que coloca esses gregos muitas vezes mais próximos dos reinos orientais do que os próprios gregos do continente, da Hélade.

Procuramos identificar o lugar de memória das moedas gregas com a efígie da poetisa Safo na região de Mitilene no IV séc. a. C. Partimos do princípio de que os artefatos configuram-se como agentes materiais e definem um lugar de saber, de memória e de poder. Consideramos as moedas como artefatos cujos símbolos trazem à memória dos habitantes de Mitilene a tradição, o passado em momentos de crise ou embates políticos. No caso, aqui analisado por nós, a comunidade dos aristocratas de Mitilene em confronto com Alexandre em 333 a. C. em meio a ocupação grega da Ásia Menor.

Compreendemos as moedas e seus símbolos como lugar de memória pelo fato de relembrar a tradição do passado em momentos de crise ou embates políticos vivenciado pela sociedade de Lesbos no IV a. C. Partimos do princípio de que os artefatos

³⁹ A Liga de Corinto sob o domínio de Felipe não eliminou por completo o poder das aristocracias nas ilhas do Egeu. As pólis enquanto membros da Liga, mantiveram salvaguardadas suas unidade e os interesses e que de certa maneira protegeu os gregos de um avanço persa sob o continente. Este acordo custou a Eressos penalizações quando foi reconquistada pelos persas em 333 a .C. por privilegiar as sanções impostas pela realeza macedonica. Temos por idéia que a penalização tenha sido imposta ao grupo aristocrático pró-democrático. Os persas facilitaram o domínio de um segundo grupo aristocrático, iram se estabelecer no poder irregularmente entre 335 a 333 a .C. O governo dos reis macedônicos contra os persas. Por isso, a perseguição e restrição aos movimentos aristocráticos era a vitória da 'isonomia' contra a tirania. Alexandre pune as aristocracias pró-persas, no caso de Eressos decide pelo exílio perpetuo delas.

configuram-se como agentes materiais e definem um lugar de saber, de memória e de poder.

As moedas foram forjadas em meio a este clima de crise social que se estende da Liga de Delos até o domínio mundializado de Alexandre. As moedas cunhadas com a efígie de Safo demonstra a união dos metilenos aristocráticos, que assumem a promoção e a preservação dos vínculos culturais locais e da construção de identidade que integra a coletividade. A situação específica do metileno aristocrático colabora para a formação de figurações e configurações múltiplas de identidade causadas pela busca do sentido de pertencimento e pela tentativa de recuperar o que Marc Augé⁴⁰ denomina “lugar antropológico”.

Metilene começa a produzir as moedas que configuram essa nova identidade. As moedas representam significados, mensagens, do emissor para seus receptores⁴¹. Lesbos sempre dependeu para a sua sobrevivência mais das alianças formuladas com os governos orientais do que da Grécia continental para manter suas relações econômicas e, portanto, estabeleceu relações de amizade e de reciprocidade com os reinos da Ásia Menor e com Egito. Safo, Alceu e Charaux são representantes dessa relação socio-política filopensa. Em recente pesquisa ao catálogo de moedas *Archive.com* encontramos a ampla circulação das moedas de Safo na Jônia o que reforça a ligação dos metilenos com a Ásia Menor.

A referida moeda, que utilizaremos como exemplo, é um Elektron Hekte de prata encontrado na região de Procaia na Jônia estampada com a efígie de Safo com a praça de usada por Crésus na época em que foi governante da Lídia.

⁴⁰ AUGÉ, **Marc Não-lugares**. Trad. Lúcia Muznic. Portugal: Bertrand, 1994. Segundo Marc Augé (1994, 31), a investigação antropológica tem por objeto interpretar o modo pelo quais os indivíduos interpretam a categoria do outro, conferindo-lhe um lugar, uma raça ou uma etnia. O sentido de “pertencimento” vai além de um limite puramente físico, portanto, o “lugar antropológico” é a construção concreta e simbólica do espaço que o indivíduo reivindica como seu; que sintetiza todo o seu percurso cultural; que é ao mesmo tempo identitário, relacional e histórico.

⁴¹ CARLAN, Cláudio UMPIERRE. **Moeda, simbologia e propaganda son Constâncio II**. Dissertação de Mestrado. Niteroi: Universidade Federal Fluminense, 2000.

Elektron hekte (prata) – encontrado em Procaia na Jônia – 350-340



No caso, da pólis de Metilene, a cunhagem de moedas com a efígie de Safo datam do período de 480 a 377 a. C. período ao consideramos como a emergência ou a retomada de prestígio social do grupo de *aristhoí* cuja anterioridade data do VII a. C. As moedas⁴², por nós selecionadas, em sua grande maioria seguem o padrão das moedas gregas que consiste na presença de *98% de prata*, visando as trocas comerciais e mercantis. As moedas de ouro e de prata, como define Maria Beatriz B. Florenzano⁴³ terão um caráter voltado para o financiamento da guerra. Temos por suposição que as moedas de ouro e de prata utilizadas para ratificar as relações de *phília*/amizade dos remanescentes da *hetaireía* de Safo e Alceu com os demais *aristhoi* residentes em Lesbos, visando a manutenção de uma aliança política e econômica. Sobre as moedas em bronze, Florenzano (*passim*) ressalta que as mesmas serão produzidas para vulgarizar e difundir o objeto com valor agregado, num momento em que o padrão *electrum*, deixa de existir pela escassez dos metais preciosos⁴⁴.

⁴² As moedas seguem o padrão 'El hekte' estabelecido por Crésus, soberano da Lídia.

⁴³ FLORENZANO, M. B. B. **A moeda e a Guerra na Antiguidade**. In : VII Jornada do CEIA de 30/05 a 02/06 de 2005. Anotações de conferência.

⁴⁴ Todavia, a produção da moeda em um padrão inferior não termina em virtude da prática monetária não ter acabado, mas pelo contrário, em virtude da permanência das práticas de

Se considerarmos a moeda como produção no momento um pouco posterior ao domínio dos reis macedônios podemos perceber essa resistência aristocrática e a criação de um lugar antropológico dos aristocratas tendo Safo como modelo ideal de representação social. Portanto, o fato das moedas com a efígie de Safo, poetisa do VII séc. a. C., ter a cunhagem de sua imagem recuperada no V-IV séc. a. C. pelos metilenos, nos leva a estabelecer um diálogo da História com a Arqueologia e com a Semiótica da imagem⁴⁵ visando analisar e compreender as representações e os possíveis significados da sua presença detectada num tempo acentuadamente posterior. Apreendemos a moeda como um suporte de informação que aponta para um determinado grupo social responsável pela sua cunhagem e circulação. A identificação desse grupo social nos remete a permanência de um pensamento social e político formulado e estruturado de parte da elite de Metilene no V-IV séc. a. C, mas também nos leva a supor que este grupo político seriam descendentes da *hetareía* de Safo e Alceu no VII a. C.

Bibliografia

AUGÉ, Marc **Não-lugares**. Trad. Lúcia Muznic. Portugal: Bertrand, 1994.

BOSWORTH, A. B. **Conquest and Empire. The reign of Alexandre the Great**. Cambridge: Canto, 2000.

CARLAN, Cláudio UMPIERRE. **Moeda, simbologia e propaganda em Constâncio II**. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000.

FLORENZANO, M. B. B. **A moeda e a Guerra na Antigüidade**. In : VII Jornada do CEIA de 30/05 a 02/06 de 2005.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus Editora, 1996

trocas mercantis, as moedas continuaram sendo fabricadas mesmo em um padrão desvalorizado (Florenzano, *passim*).

⁴⁵ JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus Editora, 1996. Consideramos a imagem como uma mensagem visual e, portanto, sua linguagem, como uma ferramenta de expressão e de comunicação (p. 23)



NEArco – Número II - Ano I – 2008 – ISSN: 1982 – 8713

KURKE, Leslie. "The politics of abrosunh in Archaic Greece". In: **Classical Antiquity**, v. 11, nº 01, April, 1992.

LABARRE, GUY. **Les cités de Lesbos aux époques hellénistique et impériale**. Col. l'Institut d'Archéologie et d'Histoire de l'Antiquité, Université Lumière Lyon 2, Vol. 1. Limonest: Boccard, 1996.

VOIGHT, E. M. **Sappho et Alcaeus**. Fragmenta. Amsterdam, 1971.